

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 12 de outubro de 2011

*Textos de referência: O senso religioso (cap. X). Brasília: Ed. Universa, 2009, pp. 155-165;
“Viver sempre intensamente o real”, texto do Dia de Início de Ano 2011.*

- *Le stoppie aride*
- *Il mio volto (O meu rosto)*

Glória

Carrón: “No ser, tu me faças caminhar.” Peçamos que esse seja o caminho deste ano.

O Dia de Início de Ano, como vimos, é uma proposta para a razão e para a liberdade de cada um de nós, para responder às urgências do viver. Mas, essa proposta só pode ser entendida na experiência, porque devemos estar firmes naquela decisiva indicação que Dom Giussani sempre nos deu: a realidade se faz transparente na experiência. Por isso, a verdade da proposta não será alcançada com pensamentos e intenções: alcança-se, verificando-a na experiência. Por isso, cada um é chamado, desafiado a verificar a proposta no real, na vida, de tal maneira que a verdade possa aparecer diante de nossos olhos; de outra forma, serão palavras, e pensaremos ter entendido. Mas não se entende o que é o amor lendo, antes de qualquer outra coisa, livros sobre o amor; entende-se o que é o amor se se faz experiência! Por isso, o trabalho que fazemos aqui não pode substituir a experiência. Encontramo-nos para nos acompanharmos na verificação de uma experiência presente, confirmada pela própria experiência. Aqui estamos juntos para testemunharmos uns aos outros o trabalho que fizemos, de tal modo que ajudemo-nos, porque o trabalho que uma pessoa faz é um bem para todos, a descoberta que uma pessoa faz é um bem para todos, a graça dada a uma pessoa é um bem para todos; e para que contemos uns para os outros fatos que nos ajudem a entender a verdade da proposta. Esta relação entre trabalho pessoal e verificação comum é decisiva para que cada um de nós possa ser ajudado, sustentado, acompanhado na experiência que estamos fazendo.

Colocação: *Começo do zero, ou seja, de quando você chamou nossa atenção, no Dia de Início de Ano, para aquela frase de Dom Gius segundo a qual não tratamos as coisas presentes como presentes, a partir da folha até as outras coisas. Isso é mesmo verdade, e é verdade também que quando, pelo contrário, eu faço um trabalho e, diante das coisas, vou até o fundo e chego até a reconhecê-Lo, quando chego ali, tudo muda, porque é verdade que se move também a afetividade e reacontece aquela unidade. Mas, isso acontece uma vez a cada milênio, e pelo contrário, tudo, tudo pede de mim um trabalho assim, que nunca faço, a não ser quando sou obrigado pela realidade. Fiquei assustado porque eu cheguei a dizer: “Onde eu vivo? Se trato todas as coisas ‘normalmente’ e nunca chego à verdade dessas coisas, nunca chego a vê-Lo, em que realidade eu vivo durante todo o dia? Depois do Dia de Início de Ano, o que ficou evidente é que é assustadora essa distração, tanto que não me dou conta nem mesmo da grandeza do problema que Dom Giussani me colocou.*

Carrón: Isso que você diz é um trabalho que, normalmente, nunca fazemos, e isso nos mostra até que ponto estamos habituados, como dizíamos no Dia de Início de Ano citando Dom Giussani, a um uso frágil da razão. E como consequência deste uso frágil da razão, vemos que a divisão entre o reconhecimento e a afetividade permanece. É importante que sigamos de verdade Dom Giussani, porque pensamos facilmente que existam outras questões mais decisivas; e, pelo contrário, ele insiste em dizer que a verdadeira questão é esta! Estamos disponíveis para segui-lo ou não? Porque, normalmente, nunca fazemos isto: quantas vezes na nossa vida lemos *O senso religioso* ou o capítulo décimo, e quantas vezes nós o seguimos nisto? Por isso é importante, desde o princípio, que não digamos “mas eu já sei isso...”. A primeira consciência que devemos ter é que não

sabemos, de fato, nada disso. E não o sabemos não é porque não entendemos as palavras: não o sabemos porque nunca arriscamos isso na vida da forma como ele nos diz! De fato, tantos me dizem e escrevem: “Eu nunca faço esse trabalho”. Parece que reconhecer isso não é nada, mas é o primeiro passo decisivo. Porque a consequência – como dizia quem acabou de falar – é que “eu não vivo no real”. Viver sem seguir o caminho proposto por Dom Giussani não é viver o real, porque assim nunca alcanço o real por aquilo que, de verdade, ele é. Então, agitamo-nos com tantas coisas, mas o que domina é a distração, e a coisa mais grave é que não nos damos conta disso. E pensamos sempre que haja algo de mais interessante para fazer, de mais decisivo para fazer; depois, podemos até mesmo encher a boca de “Giussani, Giussani, Giussani”, mas não seguimos Giussani nem mortos, porque nesse ponto nos lixamos para ele! Como um amigo me escreve: “Dou-me conta de que aquilo que você disse no Dia de Início de Ano é decisivo para a minha vida e preciso que você me corrija nesse trabalho. Estar presentes ao presente, poder vibrar com tudo que sou diante das coisas presentes é o que eu mais desejo, é do que eu mais preciso, porque me dou conta de que, para mim, se torna insuportável viver com os pacientes, com a minha família, com a minha namorada, com os amigos, esperando a minha satisfação no instante seguinte ao instante do presente, ou seja, é insuportável viver como se o presente não existisse, como se aquilo que eu tenho diante dos olhos não pudesse interessar à minha vida [por isso desejamos sempre que o instante presente acabe, e que chegue logo o seguinte, e assim por diante: é insuportável!]. E me dou conta, porém, que o maravilhamento diante do ser e das coisas de que você fala, e para o qual você disse que devemos ser reeducados, é reduzido por mim em 99% das vezes a um maravilhamento sentimental, a uma reação que, como tal, não depende de mim e flutua segundo a minha sensibilidade e o meu estado de ânimo. Dou-me conta também de que essa atenção ao ser, à realidade, não pode ser o fruto de um pensamento meu ou de uma intenção boa e justa que eu tenha; melhor, até pode ser, mas não dura, porque fico entediado rapidamente com o meu esforço, porque ao invés de tornar a vida mais intensa, torna-a mais pesada. É imediato, é fácil reconhecer a diferença entre uma pessoa que está maravilhada e uma pessoa que pensa que deveria se maravilhar”. Então, o primeiro sinal do caráter decisivo do percurso que Dom Giussani nos faz fazer é que, se não o faço, a vida se torna insuportável.

Colocação: *Não obstante eu o tenha lido tantas vezes, não estou segura de ter entendido de forma correta a experiência que Dom Giussani nos quer indicar. Gostaria de entender melhor quando o reconhecimento dessa presença inexorável é um verdadeiro ato da razão e quando é apenas um contragolpe sentimental.*

Carrón: Esta é a segunda questão importante daquilo que estamos dizendo. A diferença fundamental é que um contragolpe sentimental nos deixa flutuantes, ou seja, continuamos no nosso estado de ânimo agitado, como se, verdadeiramente, não existisse nada a que nos segurarmos. Por isso, gosto do exemplo da pedra arrastada pela torrente. Uma pessoa, quando é arrastada pela torrente, como consegue ver se aquele é apenas um momento sentimental ou se, de verdade, está agarrando um pedaço do real? Quando para de flutuar, quando percebe que tem algo a que aderir. Sem isso, eu continuaria vivendo na dependência do estado de ânimo; tudo pode mudar num momento, e no instante seguinte estarei à mercê da flutuação. Eu me dou conta de que é verdadeiramente um uso adequado da razão a partir da mudança que introduz em mim. Posso ver isso quando todo o meu eu é tomado por aquilo que tenho diante de mim. Por isso, não encontro outra fórmula melhor do que aquela que Dom Giussani usa: todo o problema da razão e da inteligência está contido no episódio de João e André, porque ambos foram tomados, tão tomados que, desde então, mesmo errando milhares de vezes, sempre continuaram sendo Seus. Este “Seus” só permanece porque eles, em meio a todas as coisas, agarraram algo para sempre.

Colocação: *Enquanto falava em Assago, fiquei muito tocada com uma coisa da qual nunca havia me dado conta: a nossa história usa a palavra “presença” para definir seja a natureza última da realidade, seja o acontecimento de Cristo agora, seja a nossa tarefa. Usamos a mesma palavra*

para dizer três coisas que, no vocabulário do mundo, são ditas com três expressões diferentes (Cristo, a realidade, o eu). Fiquei muito impressionada, porque é como a sugestão de que eu preciso da Sua presença para me dar conta de que a realidade é uma presença, e isso me torna uma presença.

Carrón: Repita isso. Repita-o da forma como disse, porque é uma fórmula clara.

Colocação: *Eu preciso da presença de Cristo para me dar conta de que a realidade é uma presença, e é isso que me torna presença. Senão, a minha tarefa, por exemplo, no meu trabalho, será sempre política ou ideológica. Na segunda-feira depois do Dia de Início de Ano, entrei numa sala de aula que me preocupa muito este ano, dei uma aula muito bonita e, quando saí, me perguntei: “Por que foi tão bonita assim? O que aconteceu de tão interessante?”. Aconteceu que eu não estava dominada pela minha aula, mas pelo dar-me conta daquilo que acontecia com os jovens, e por isso coloquei-me de verdade em diálogo com o outro. É quando você se dá conta do outro como presença que você se torna uma presença, do contrário, nunca o será; você pode até ser um demagogo, pode doutriná-los, mas não será uma presença assim.*

Carrón: E, naquele dia, o que foi que fez você reconhecer aqueles jovens como presença?

Colocação: *Aquilo que me havia acontecido no sábado antes.*

Carrón: Parece-me muito interessante este uso da palavra “presença” segundo as três acepções. A natureza da realidade: as coisas presentes como presença. A natureza do cristianismo: uma Presença excepcional. E a natureza da tarefa: tornar-se uma presença para os outros, na realidade, no mundo, na história. Ao invés, este ser presença tantas vezes é como que sem nexos, é percebido de maneira dualista, como uma pessoa me escreve: “Enquanto você falava em Assago, muitas vezes fiquei entusiasmada e comovida até as lágrimas, não por causa de uma inclinação sentimental, que eu não tenho, nem porque estava apenas escutando uma doutrina nova, mas porque aquilo que eu sentia era verdadeiro. Naquilo que você disse e nas palavras de Dom Gius que você nos repetiu, me senti olhada de novo como da primeira vez, de um modo que, sem esquecer nada nem me poupar de alguma coisa, você me disse outra vez, abraçando-me, quem eu sou e do que é feito o real. Você repetiu para mim que o meu desejo de ser não é uma utopia, mas aquilo que, tornando interessante a estrada percorrida até aqui, começou, de verdade, a se tornar carne. E também o cuidado com o qual cada detalhe do gesto foi preparado. Não era outra coisa que se acrescentava às suas palavras, mas um fragmento efêmero, mas sacramental daquela Presença. Senti brotar por dentro um pouco daquela audácia ingênua que me permitiu dizer outra vez, como se fossem minhas, as palavras do salmo responsorial do domingo: ‘Contigo me jogarei na luta, saltarei os muros’, que me está fazendo enfrentar o trabalho e as várias incumbências cotidianas como se fossem o leito do grande pedido de que tudo seja verdadeiro e, portanto, salvo. Diante disso, fiquei um pouco surpresa com a posição de alguns amigos para quem eu contava essas coisas, que me disseram ‘sim, é verdade, mas depois nos esquecemos’, ou então ‘sim, mas depois olhe para a vida, eu queria entender qual é o trabalho a ser feito’, ou ainda ‘sim, sim, mas depois, como é que nos lançamos no ambiente?’ [tudo separado!]. Outras vezes, foi também uma posição minha, mas agora me dou conta de que aqueles ‘mas’ e ‘porém’ destroem e exemplificam aquele não vibrar de que falava Dom Gius, que não permite que paremos nem mesmo por um momento diante daquilo que você disse, olhando para ele e olhando para nós mesmos com um instante de simpatia total [não há nem mesmo um momento daquela ‘passividade’ de que falamos]. Parece que o trabalho de descobrir o real como presença, no fundo, seja ainda uma premissa, que, cedo ou tarde, você vai revelar para nós o mistério de estarmos presentes no ambiente [é impressionante: como isto nos parece abstrato, temos que acrescentar algo que nos torne presentes no ambiente!], para nos ajudarmos mutuamente, para estarmos contentes com aquilo que vivemos”. É o dualismo, pronto e acabado! De fato, o que é capaz de fazer de nós, verdadeiramente, uma presença? O que nos faz reconhecer as coisas presentes como presença? Façam este teste (eu o fiz): no fim do verão, o que vocês contaram para os seus amigos quando os encontraram novamente? O que foi presença para vocês durante o verão, a ponto de vocês terem sentido necessidade de contar para os outros? Aqueles aspectos, aqueles fatos nos quais havia algo que lhes havia maravilhado. E por que maravilhou? Porque ali havia

algum excedente (que não podia ser reduzido às coisas comuns), de forma que fomos facilitados por essa imponência a reconhecermos as coisas presentes como presentes. Isso é o que contamos para os outros. As coisas se tornaram tão presentes para nós porque estavam cheias do Mistério que nos maravilhava. A realidade é interessante, a realidade nos interessou neste verão devido àquela possibilidade de reconhecer o Mistério presente naquelas coisas. E sabemos bem no que a vida se torna quando acontecem essas coisas. Por meio dessas coisas, somos educados a reconhecer sempre mais cada coisa presente, desde a folha até as outras coisas, porque a presença excepcional de Cristo nesses fatos, naquilo que acontece, as torna tão presentes para nós a ponto de nos fazer sair da distração na qual caímos constantemente. Essa é a modalidade com a qual o Mistério nos educa a reconhecer, então, tudo como presença, tudo como sinal. Somente quando começamos a viver o real dessa maneira é que nos tornamos uma presença. O nosso tornarmo-nos presenças não é um complemento ao nosso modo de nos relacionarmos com o real: é exatamente o modo de nos relacionarmos com o real! Nisso fazemos a verificação se nos tornamos uma presença, porque é isso o que faz a diferença; de outra forma, vivemos entediados no real como todos, sufocados como todos, e depois fazemos alguns gestos para dizer que estamos presentes (que é um modo ridículo de conceber a presença). Por isso, então, tantas vezes, mesmo o grande gesto que fazemos – e quando é preciso fazê-lo, ele é feito – não tem a autoridade necessária; porque não nos vendo presentes no real, no cotidiano, qual é o interesse que o grande gesto pode ter? A autoridade, a possibilidade de escuta do grande gesto, do gesto que propomos a todos, existe apenas se é suscitada uma curiosidade em relação a como vivemos no cotidiano, ou seja, se nos tornamos uma presença. Se não superarmos esse dualismo, as três acepções de “presença” nunca coincidirão, e o cristianismo se tornará uma abstração e, então, deveremos “fazer alguma coisa” para que se torne concreto. Mas Dom Giussani nos disse que o cristianismo é a modalidade subversiva e surpreendente de viver as coisas comuns! Tornamo-nos uma presença vivendo as coisas comuns com uma diversidade que é o fator constitutivo de uma verdadeira presença. Uma presença não é maior só porque é mais numerosa ou mais espetacular. Há tantas coisas enormes, espetaculares que não são significativas, que não são presença; porque a verdadeira presença não está no seu caráter espetacular ou no número das pessoas envolvidas, mas está na sua diversidade! Essa diversidade nasce apenas desse modo de aprender o relacionamento verdadeiro com o real. Sem isso, não há nada o que fazer.

Colocação: *Queria contar um episódio que me aconteceu neste verão. Saí para as minhas férias na praia um pouco impaciente com tudo, sobretudo comigo mesma. Conosco havia uma das mães da escolinha do meu filho, absolutamente desconhecida, e eu tentava evitá-la, porque se não conseguia suportar a mim mesma, imagine os outros. Um dia, eu a encontrei por acaso, ela me contou que seu marido não estava bem, e eu me surpreendi com a minha liberdade ao aconselhar algumas coisas (exatamente uma liberdade que me permitia dizer para mim mesma: “Eu não sou eu”). E me dei conta de que era Cristo que acontecia em mim; dali em diante, olhei para tudo com uma gratidão incrível: meu marido e meus filhos e o mar. O que me maravilhou foi como eu olhava para a minha normalidade depois, ou seja, com o coração comovido, e o instante era verdadeiramente cheio da Sua presença.*

Carrón: Obrigado.

Colocação: *Chegou à Universidade Católica a exposição do Meeting sobre os 150 anos da Unidade da Itália; na sexta-feira, nós, os guias mais experientes a estávamos explicando para os novos guias; ao final, um dos novos guias nos perguntou: “Então, toda a tese da exposição é que, nas várias épocas históricas, um homem movido pelo desejo, de fato, criou esta Itália?”. E eu lhe disse: “Sim, porém um desejo que é concreto, um desejo de fazer dinheiro, um desejo de incidir no debate político, um desejo de educar, um desejo de sobreviver”. Porém, de repente, nos demos conta de que não era suficiente... Uma amiga dos guias do Meeting disse: “Porém, fiquem atentos! Porque a tese de Giussani que colocamos no último painel é bem precisa, diz que as forças que*

mudam o mundo são as mesmas que mudam o coração do homem, mas a força que muda o mundo é um homem que estabeleceu sua morada entre nós, Cristo”. E nos demos conta de como essa consciência tinha reaberto toda a aventura da exposição: não porque fosse uma frase acrescentada artificialmente, mas porque solicitava, de fato, que fosse detalhada no seu particular. Então – como você dizia – se chega a um ponto no qual o medo é vencido, e então você pode dizer ao mundo, e o diz com uma consciência e uma dignidade da qual você não se dava conta. Então, reler aquela frase é uma nova conversão para mim, uma nova conversão para aquilo que está acontecendo, e tudo é novo, tudo é dado: a primeira coisa dada a mim é o meu coração aceso outra vez por aquilo que está acontecendo. Tudo isso faz com que você seja presença.

Carrón: E para você – aqui, não podemos perder nem uma migalha –, o que permitiu que você fizesse esse percurso?

Coloção: *O ter que explicar outra vez a exposição para os novos guias.*

Carrón: E?

Coloção: *E nos demos conta de que a tese de Giussani tinha um nome e um sobrenome.*

Carrón: Mas, por que você chegou até esse ponto? Por causa de um jovem que lhe fez uma pergunta. Se você tivesse deixado para lá – “O que me interessa essa pergunta? Eu expliquei, durante o verão inteiro, a exposição, e agora me chega este aí com suas objeções!” –, não teria feito a experiência de que nos fala. Você se deixou provocar pelo último que chegou, talvez. Ter aceitado esse dado do real permitiu que você fizesse todo o percurso: “O desejo basta?”. E, então, você foi reler o último painel que diz que o desejo não basta, que um Homem armou a sua tenda no meio de nós. Você explicou a exposição durante uma semana inteira, mas não tinha se dado conta plenamente. Vocês veem o que significa que as coisas presentes se tornam presentes? Cada circunstância pode ser, como neste caso, a ocasião preciosa para compreender tudo de novo. E esta é uma novidade que, agora, pode tornar ainda mais interessante explicar a exposição, não? De outra forma, seria uma repetição daquilo que vocês já fizeram. Porém, se estamos disponíveis a não deixar para lá nada do dado que acontece, do imprevisto que acontece, daquela modalidade com a qual a realidade me desafia, começamos a viver uma aventura apaixonante, sempre mais apaixonante, porque tudo se torna sempre mais novo. Por quê? Porque não deixamos para lá nada do que está presente. Imaginem no que a vida poderia se tornar, assim! Ao invés de nos lamentarmos, reconheceríamos as circunstâncias não como um obstáculo, mas como um recurso que nos faz entender tudo até o fundo outra vez. Isto nos convém ou não? Cada um deve decidir.

Coloção: *Depois do Dia de Início de Ano, me dei conta de que, há um tempo, eu vinha vivendo habituada até mesmo a mim mesma, e, portanto, eu era a reação ou o sentimento de mim mesma do momento. Por exemplo, estudando – agora, estou fazendo uma tese –, o que me acontecia era que se eu conseguisse escrever mais de cinco linhas, então eu ficava contente; e se, porém, eu não conseguisse escrever, então tudo me esmagava. Ou, então, nos relacionamentos: se eu conseguisse tratar os meus amigos de um certo modo, então eu estava ok e ficava contente; se não, me escandalizava logo comigo mesma e, portanto, me tornava a soma de todos os vários estados de ânimo. Acompanhada nisso, vinha à tona sempre aquela nostalgia profunda que não me deixava e nunca me deixa tranquila, e, portanto, quando eu estava inquieta, eu me tornava a minha própria inquietude. Porém, nesta semana, me dei conta de uma coisa impressionante, que me fez respirar e ficar contente com tudo o que eu vivia. Comecei a levar a sério o trabalho que você nos propôs, ou seja, comecei a usar a razão de um modo verdadeiro, e, portanto, não mais parando na pura reação que eu tinha de mim mesma diante das coisas, mas indo até o fundo do meu rosto, de quem eu sou. Comecei a me maravilhar, sobretudo, com o fato de que, quando acordo, não me dou a mim mesma, assim como não me dou sozinha o desejo de ser feliz, não sou eu que decido sentir de novo aquela nostalgia, e só isso foi suficiente para eu entender que sou relacionamento constante com Quem me faz. Nem mesmo o desejo e a inquietude são invenções minhas, são dados. E me vejo, assim, dizendo, junto com o Papa: “Ele é mais íntimo de mim do que eu mesmo”. Comecei a olhar para mim mesma não como a soma de tudo aquilo que eu experimentava, mas como a presença do*

meu desejo presente. O meu nome está ligado a um Tu que me prefere constantemente, tanto quando tudo dá errado, como quando tudo dá certo para mim. E, como você disse, a vida começa a ter um ponto de apoio firme, não sentimental ou flutuante, não dependente dos estados de ânimo, mas seguro por causa daquele vínculo da razão com a realidade até a sua origem. Começo a me maravilhar comigo mesma e a não ficar à mercê dos meus estados de ânimo, dos meus sucessos ou das minhas falhas; até mesmo começo a olhar com simpatia também para a minha tristeza, para além da circunstância favorável ou desfavorável. E isso concede razão inclusive para aquilo que aconteceu ontem na universidade, onde fizemos uma banquinha para recolher fundos para a AVSI; e foi impressionante, porque diante de todas as pessoas que eu encontrava junto com meus amigos, eu estava livre até mesmo do resultado, porque eu sabia quem eu era, e olhando para eles, eu conseguia torná-los participantes da mesma preferência que me faz ser eu mesma.

Carrón: Obrigado. Este é um exemplo para a pergunta que foi feita antes: como podemos reconhecer quando o nosso uso da razão não é reduzido e quando é apenas um contragolpe sentimental? Porque vemos muito bem o que quer dizer atravessar a flutuação dos estados de ânimo para chegar àquele fundamento mais “íntimo” do que todas as flutuações. E para me dar conta de que eu sou mais do que todos os meus estados sentimentais não basta o sentimento, é preciso um uso verdadeiro da razão. É como alguém que está num lamaçal: para encontrar um fundamento seguro, precisa cavar até encontrar a rocha. Ou quando alguém anda de avião e há turbulências: manter a rota é a única possibilidade para atravessar as turbulências. É impossível não viver nas turbulências, por causa de todos os estados de ânimo que, continuamente, nos assaltam, pois cada coisa nos provoca alguma turbulência. A questão é se permanecemos nas turbulências ou no lamaçal, ou se atravessamos as turbulências e o lamaçal. Esse atravessamento é o uso alargado da razão. E eu me dou conta disso porque chego a algo que vai além das flutuações do estado de ânimo. E no que se vê isso? No fato de que eu adquiero uma consciência de mim como relação com o Tu, e isso me traz uma plenitude que me torna livre do êxito das coisas. Que consciência! Vem-me à mente, frequentemente, esta afirmação de Jesus quando os discípulos voltam “carregados” da missão para a qual Ele lhes havia mandado: “Vocês não se dão conta de que isso não basta para vocês, mesmo que vocês tenham feito milagres ou tenham expulsado demônios? Não se alegrem apenas com isso, não fiquem dependentes disso; alegrem-se mais com o fato de que os seus nomes estão escritos no Céu, ou seja, com o fato de terem sido escolhidos”. É como se Jesus os conduzisse a uma profundidade no relacionamento com a realidade de si mesmos a que eles não teriam podido chegar nem mesmo com todo o seu sucesso pastoral ou missionário. Sem essa profundidade, dependemos de tudo, porque não encontramos e não alcançamos um ponto que permaneça firme em qualquer flutuação; e isso nos torna incertos, à mercê de qualquer coisa. O que é que confirma para mim que existe algo de mais profundo do que todos os estados de ânimo? Que eu, em qualquer momento, posso dizer que essa nostalgia profunda, esse desejo que encontro em mim, esse abismo de plenitude que me constitui, tudo isso não é dado por mim, não dou a mim mesmo. Na mentalidade positivista na qual estamos imersos, quanto mais alguém sente em si esse anseio, tanto mais entende que ele é sinal claro de que não tem resposta. Mas, olhem as coisas de frente: esta nostalgia, este desejo, este anseio, são dados por você mesmo? É exatamente o contrário: no reconhecimento desse desejo está o sinal mais evidente da Sua presença, porque deve existir um Outro que o desperta em você dessa forma tão potente. Então, aquilo que se constitui numa objeção fundamental para nós, pelo contrário, é a confirmação mais decisiva. É tudo ao contrário, não entendemos nada! Por quê? Porque, para nós, essas coisas presentes não são presença, damos por óbvio que existam. Não é óbvio, não é óbvio! O cume desse desejo sem fim testemunha a Sua presença. E isso nos torna presentes no mundo, no real, no trabalho, com os colegas, com a mulher, com os filhos; tornamo-nos uma presença diferente. “Por que você é assim?”, é a pergunta que é desencadeada, não porque você faz um gesto de não sei que dimensões, mas pelo seu ser uma presença. E isso incide na história, sim ou não? Pode mover algo no íntimo de quem está perto de nós, sim ou não? Porque este é o maior desafio para um ser humano: ver que aquilo que desejo está presente, é alcançável. E isso é aquilo que despertou em João e André todo o desejo de segui-Lo. O

cristianismo não é comunicado de outra maneira. Apenas se aceitamos percorrer esse caminho, podemos, antes de mais nada, ver em nós o que acontece e, por isso, enchemo-nos de uma gratidão e de uma ternura por nós mesmos, de uma comoção por essa preferência de Cristo que nos permite viver assim, até o ponto de podermos testemunhar isso através do nosso rosto diferente. É isso que nos torna verdadeiramente presentes no real, com essa diversidade. Parece-me que esse caminho nos convém; mas, como vemos, ele se revela apenas para quem aceita a verificação da proposta do carisma.

AVISOS

- A próxima Escola de Comunidade vai acontecer na quarta-feira, dia 26 de outubro, às 21h30. Retomaremos ainda o décimo capítulo de *O senso religioso* e o texto do Dia de Início de Ano sobre o qual começamos a trabalhar.

- Lembro que está ativo um email para o qual vocês podem enviar perguntas e breves comentários sobre a parte da Escola de Comunidade que iremos trabalhar. Recomendo que seja usado apenas e exclusivamente para a Escola de Comunidade. O endereço é: sdccarron@comunioneliberazione.org

- Visto o alcance das intervenções de Bento XVI na Alemanha, imprimimos um folheto com trechos de seus discursos, porque são o testemunho do Papa como presença. Ele nos mostra o que quer dizer sermos presentes, porque uma pessoa pode chegar ao Parlamento alemão e passar sem ser visto, e uma outra pessoa pode chegar ao Parlamento alemão e maravilhar a todos. E por que ele os maravilhou, apenas por que era o Papa? Ou por aquilo que disse? Ou seja, por aquela diversidade, por aquele modo de usar a razão todo diferente, de não reduzir a realidade ao positivismo, até o ponto de ver uma coisa que estava diante de todos e que não vemos, ou seja, o fenômeno da ecologia, para dizer algo sobre como tantas vezes reduzimos a realidade a algo que não é verdadeiro: o Papa tomou esta ocasião, o movimento ecológico, para dizer: vocês veem como há um modo de olhar para o real, se nós o reduzimos, no qual há algo de errado e então todos o reconhecemos? Por isso, diz, com uma frase que temos que aprender de cor: “A razão e a natureza na sua correlação”. Impressionante! Razão e natureza na sua correlação. Porque é apenas quando a razão está diante da natureza na correlação de ambas que podemos não reduzir a razão e não reduzir a natureza. Esta é a grande batalha que o Papa está enfrentando. É familiar a vocês? Estamos no mesmo caminho? É esta a mesma coisa que Giussani fez desde o início, desde a primeira aula de religião, entendem? Estamos nisso, ou não? Quando o Papa disse “a razão aberta para a linguagem do ser”, para o ser, estamos tentando entender isso, ou não? Porque não é que nós temos uma fixação pela razão ou pela realidade (de outra forma, seria mais interessante fazer outras coisas), mas estamos naquilo que o Papa vê como a maior urgência, porque é o único que tem levado à frente essa batalha para alargar a razão, porque sem esse alargamento, Cristo será sempre algo de artificial, um acréscimo a um uso da razão reduzido ou a uma realidade já perfeitamente constituída. Por isso, me parece que nos convém ler o Papa, para entender também o alcance do caminho que estamos fazendo. Porque alguns não conseguem vincular as duas coisas.

Chamo a atenção especialmente para o discurso aos Protestantes e o discurso aos políticos do Parlamento alemão. Cada um por um motivo diferente. Um, ao Parlamento, por aquilo que acabei de explicar, o outro (aos protestantes) pela modalidade com a qual olhou, com a qual se colocou diante dos protestantes, porque alguns poderiam ter pensado: “Ele está indo até os protestantes, deveria jogar na cara deles todos os erros que fizeram, de Lutero em diante”. Leiam o que ele disse, e como é uma reviravolta no modo de conceber o ecumenismo. Podemos aprender algo sobre como o Papa está presente no real, mesmo diante de quem não está em total sintonia com ele? Afirmando aquilo que temos em comum e não apenas as diversidades. Podemos dizer que somos mais presentes porque insistimos em dizer o que está faltando? Parece-me que ainda precisamos aprender alguma coisa.

Divulguemos a todos, então, este folheto, para oferecer um juízo e uma esperança que ajuda a estar diante da realidade dramática que estamos vivendo, porque é a urgência mais decisiva.

- Livro do mês para outubro/novembro: ***Fim de caso*** de Graham Greene. Em *O senso religioso* (no capítulo “Educação para a liberdade”), Dom Giussani cita um episódio desse romance para nos ajudar a entender que, diante da realidade, é mais humano partir com uma hipótese positiva. Ele diz: “A coisa mais terrível é colocarmo-nos diante de uma realidade com uma hipótese, não digo negativa, mas simplesmente de dúvida: isso nos paralisa por completo” (p. 193). Mas, a hipótese positiva é uma opção, uma escolha para a qual devemos nos educar.

No fim do mês, estará disponível também em formato *e-book* pela Mondadori (em italiano).

Veni Sancte Spiritus